

A IMPORTÂNCIA DA RELAÇÃO AFETIVA ENTRE PROFESSOR E CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

THE IMPORTANCE OF THE AFFECTIVE RELATIONSHIP BETWEEN TEACHER AND CHILD IN CHILDREN EDUCATION

Arão Davi Oliveira¹
Elisangela Cristina Lima Simões²
Pâmela Gonçalves Galeano³
Viviane Maria Vasques Figueiredo⁴

Resumo: Esta pesquisa busca refletir sobre a relação afetiva existente entre professora e a criança na educação infantil. Tem como objetivo geral analisar a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Como objetivos específicos 1- apresentar o conceito de afetividade na Educação Infantil contextualizando com a legislação brasileira a partir da LDB/1996; e 2- apresentar e discutir as práticas pedagógicas do professor da Educação Infantil e sua relação com a afetividade em um Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de Campo Grande – MS. Considerando as significações de afetividade no desenvolvimento do ser humano, e especificamente as relações afetivas entre professora e criança, buscou-se responder uma questão central: Até que ponto a relação afetiva interfere na prática docente com a criança dentro do processo de ensino-aprendizagem? Para a elucidação da investigação realizou-se um levantamento de pesquisa bibliográfica documental e empírica. Utilizamos os conceitos de Wallon (1986, 2007, 2008) e outros estudiosos como Dantas (1992), Galvão (1995), Pimentel (2007), Salla (2011) e Luz (2008). A coleta de dados empíricos ocorreu por meio de observações da rotina desenvolvidas na instituição e a realização de entrevistas semiestruturadas com duas professoras que atuam na educação infantil de uma escola pública do município de Campo Grande – MS. A pesquisa, entretanto, aponta que a falta de conhecimento dos profissionais em relação à importância da afetividade na vida da criança gera consequências negativas no desenvolvimento da criança pequena.

Palavras-Chave: Educação Infantil. Desenvolvimento Infantil. Afetividade.

Abstract: This research seeks to reflect on the affective relationship between teacher and child in early childhood education. Its main objective is to analyze the relationship between affectivity and child development in early childhood education. As specific objectives 1- to present the concept of affectivity in Early Childhood Education contextualizing with the Brazilian legislation from the LDB / 1996; and 2- present and discuss the pedagogical practices of the teacher of Infant Education and its relationship with affectivity in a Child Education Center of the Municipal Network of Campo Grande - MS. Considering the meanings of affectivity in the development of the human being, and specifically the affective relations between teacher and child, we tried to answer a central question: To what extent does the

¹ Docente dos cursos de Pedagogia da Faculdade Campo Grande (FCG) e do Centro Universitário Anhanguera Campo Grande- MS. Doutorando em educação (UCDB), Mestre em Educação (UCDB), Licenciado em Pedagogia (UNIP), Licenciado em História (UFMS). E-mail: adodavi@gmail.com.

² Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Campo Grande (FCG). E-mail: lima.liih@gmail.com

³ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Campo Grande (FCG). E-mail: pamelaggaleano@gmail.com

⁴ Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Campo Grande (FCG). E-mail: viviane.vasques30@gmail.com

affective relationship interfere in the teaching practice with the child within the teaching-learning process? For the elucidation of the investigation a survey of documentary and empirical bibliographical research was carried out. We use the concepts of Wallon (1986, 2007, 2008) and other scholars such as Dantas (1992), Galvão (1995), Pimentel (2007), Salla (2011) and Luz (2008). Empirical data collection was carried out through routine observations developed at the institution and semi - structured interviews were conducted with two teachers who work in early childhood education at a public school in the city of Campo Grande - MS. The research, however, points out that the lack of knowledge of the professionals in relation to the importance of the affectivity in the life of the child generates negative consequences in the development of the small child.

Keywords: Infantile Education. Child Development. Affectivity.

Introdução

Alguns teóricos acreditam que a afetividade, quando bem estimulada, provoca a socialização da criança no meio em que convive, bem como o progresso do seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio afetivo, tornando a afetividade indispensável para o processo de aprendizagem das crianças na Educação Infantil. Assim, nossa pesquisa tem como objeto entender a relação da afetividade entre a criança e o professor na Educação Infantil.

A escolha desse tema se justifica pelo fato de que na trajetória da nossa graduação, tivemos a oportunidade de vivenciarmos as etapas do Estágio Obrigatório em Educação Infantil, o que nos aguçou a curiosidade de pesquisar sobre como a afetividade na relação professor e criança pode influenciar no desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Embora não se esgotem as discussões acerca da temática, a intenção foi aprofundar a exploração teórica afim de que ela ofereça elementos acadêmicos e científicos para futuras pesquisas.

Para Henri Wallon (2007) a afetividade influencia no desenvolvimento cognitivo da criança. Assim, partimos da seguinte problemática: Qual a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil, o qual se dividirá em dois objetivos específicos: 1- apresentar o conceito de afetividade na Educação Infantil contextualizando com a legislação brasileira a partir da LDB/1996; 2- apresentar e discutir as práticas pedagógicas do professor da Educação Infantil e sua relação com a afetividade em um Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de Campo Grande – MS.

Esta pesquisa é qualitativa de abordagem documental, bibliográfica e empírica. Na pesquisa bibliográfica consultamos Wallon (1986, 2007, 2008), embasando teoricamente e legalmente o assunto, investigando a importância da afetividade para a vida da criança na

Educação Infantil. Nesta pesquisa realizamos entrevistas semiestruturadas, com duas professoras de um Centro de Educação Infantil, as quais nomearemos professora “1” e “2”, para manter o sigilo de pesquisa.

Para embasar, buscamos na teoria de Henri Wallon, que desenvolveu um estudo aprofundado sobre a afetividade. Assim, nossos estudos têm como base teórica a colaboração de Dantas (1992), Galvão (1995), Pimentel (2007), Salla (2011) e Luz (2008), entre outros estudiosos para as reflexões aqui mencionadas.

O trabalho é constituído de duas seções. A primeira seção trata sobre a concepção de Educação Infantil conforme a legislação brasileira; as subseções trazem a importância do afeto na vida do sujeito; a relação do afeto com a cognição e por fim, a relação afetiva entre professor e criança. Na segunda seção, apresentaremos o relato dos passos detalhados do desenvolvimento da pesquisa, caracterização dos sujeitos e local de pesquisa, e transcrição das entrevistas e observações realizadas. Ao final da pesquisa, apresentamos as considerações finais, fazendo uma ligação entre nossos objetivos e os resultados obtidos.

Concepção de Educação Infantil

É importante iniciarmos falando sobre Educação Infantil, visto que a mesma está respaldada legalmente, no artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (lei 9394/96), que diz o seguinte:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem com finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, Art. 29).

A criança é um ser social, que ao ser inserido na Educação Infantil, tem a oportunidade de se desenvolver em seus aspectos cognitivos, psicomotores e sócio afetivos, o que garante o progresso de sua aprendizagem. Portanto, ela merece um olhar diferenciado, a Educação Infantil deve ser de qualidade, visando sempre o pleno desenvolvimento da criança.

O Art. 29 da LDBN/1996 citado anteriormente tem como finalidade, refletir em qual criança iremos formar enquanto futuros profissionais da educação. O professor da Educação Infantil precisa estar apto a trabalhar de forma a estimular as potencialidades da criança de forma integral, observando todos os seus estágios de desenvolvimento.

Se o professor de Educação Infantil espera que a criança se desenvolva de forma completa, ele precisa primeiramente reconhecer-se como aprendiz, estar apto para não apenas

ensinar as crianças, mas aprender com elas. A Educação Infantil é essencial na vida da criança, pois possibilita que ela viva experiências diversas, conviva com outras pessoas, conheça diferentes culturas e esteja sempre aprimorando o seu desenvolvimento.

No entanto, o ambiente escolar precisa caminhar de maneira a promover interação entre as crianças, visando o fortalecimento de suas relações sociais, o que reflete em seu desenvolvimento pessoal.

A Importância do Afeto

Para Wallon (2007) a afetividade faz parte dos aspectos a serem desenvolvidos no indivíduo, e a escola deve se comprometer em oferecer às crianças condições que favoreçam o estímulo de seu desenvolvimento cognitivo, social, físico e também afetivo, como ressalta Pimentel (2007, p. 224): “O âmbito da educação da criança pequena é o lugar social privilegiado de mudanças bastante significativas no curso de desenvolvimento. Implicação dos processos imaginários no desenvolvimento”.

Início de todo processo de desenvolvimento humano, a infância deve propor momentos de relações afetivas e cognitivas entre a criança e o meio, o que é essencial para que as conexões se completem, conforme “[...] teoria de Vygotsky destaca-se como uma constante em seu pensamento a importância das conexões profundas entre as dimensões cognitivas e afetivas do funcionamento psicológico do homem.” (DANTAS, 1992, p. 83).

Considerando a teoria waloniana interacionista o desenvolvimento acontece por meio da interação do meio físico e social, Vygotsky (1997) e Wallon (2007), partem da mesma linha de raciocínio considerando que afetividade e cognição são indissociáveis, caminham juntas. Assim, é preciso superar a “separação entre os aspectos intelectuais, de um lado, e os volitivos afetivos de outro, considerando a unidade entre esses processos. Uma compreensão completa do pensamento humano só é possível quando se compreende sua base afeto-volitiva” (FERREIRA, 1992, p. 76).

De acordo com o estímulo afetivo que o indivíduo recebe, o pensamento vai se desenvolvendo e sua maturidade aflora na medida em que recebe novas motivações, sejam elas em diversos aspectos. “A natureza das emoções depende ainda, portanto, dos acidentes de crescimento mental que elas podem acarretar. Elas assinalam a preponderância do sistema tônico-visceral sobre as funções de relação” (WALLON, 2007, p. 107).

Mas será que a afetividade é mesmo tão importante? Considerando o pensamento de Wallon (2007), o qual afirma que a relação entre afetividade e o desenvolvimento humano é essencial, uma vez que para ele “as relações do indivíduo com os de sua espécie ou de seu grupo são o meio talvez mais eficaz e mais habitual de agir sobre o meio” (WALLON, 2007, p. 68).

Sendo assim, o autor “descreve os quatro primeiros estágios de desenvolvimento: impulsivo, emotivo, sensório-motor e projetivo” (WALLON, 2007, p. 15), que tratam do início de todo o desenvolvimento, incluindo a afetividade, e sobre as características do desenvolvimento das crianças, que serão nossos sujeitos de investigação.

O primeiro estágio é o “impulsivo emocional, que abrange o primeiro ano de vida, as primeiras reações do bebê às pessoas; suas manifestações afetivas são proporcionais à sua inaptidão para agir diretamente sobre a realidade exterior” (GALVÃO, 1995, p. 43). Este estágio trata do desenvolvimento psicomotor da criança e suas sensações impulsivas. O segundo estágio é o sensório-motor e projetivo, “vai até o terceiro ano, o interesse da criança se volta para a exploração sensório-motora do mundo físico. Outro marco deste estágio é o desenvolvimento da função simbólica e da linguagem” (GALVÃO, 1995, p. 44).

O terceiro estágio diz respeito ao processo de construção da personalidade da criança, que vai dos três aos seis anos de idade, também é chamado de personalismo, porque é nesta etapa que ocorre a “construção da consciência de si, que se dá por meio das interações sociais, que reorienta o interesse da criança para as pessoas, definindo o retorno da predominância das relações afetivas” (GALVÃO, 1995, p. 44). O quarto estágio é o categorial, inicia-se por volta dos seis anos e “traz importantes avanços no plano da inteligência. Os progressos intelectuais dirigem o interesse da criança para as coisas, para o conhecimento e conquistas do mundo exterior” (GALVÃO, 1995, p. 44).

Tendo em vista que alguns bebês são inseridos nas instituições de Educação Infantil a partir dos quatro meses de vida, cabe à professora a responsabilidade e o papel de mediar o desenvolvimento pleno desde bebê, e de acordo com o pensamento de Wallon “em poucas semanas, os movimentos impulsivos se tornam movimentos expressivos: a partir daí, até o final do primeiro ano, o principal tipo de relação que o bebê manterá com o ambiente será de natureza afetiva” (DANTAS, 1992, p. 92).

O desenvolvimento da afetividade é estimulador da cognição, bem como, é dependente dos estímulos que recebe do mundo exterior, porque a inteligência e a cognição se complementam conforme recebem, interiorizam e amadurecem os estímulos recebidos. Dessa forma, atingem os estágios do desenvolvimento que são gradativos.

Afeto e Cognição

Ao nascer, a criança é totalmente dependente de outras pessoas, e é a partir deste contato que as trocas afetivas começam a surgir. Porém, não é tão simples assim, pois a criança pode absorver os aspectos positivos e negativos “a primeira infância é um objeto para a observação pura. Até os três ou quatro anos, a criança pode ser objeto integral de um mesmo observador” (WALLON, 1986, p. 73).

É importante estar atento ao desenvolvimento da criança, fazendo observações e registros, para que se possa avaliar o processo de aprendizagem por meio do avanço de seu crescimento e desenvolvimento, além de reavaliar os meios, o que possibilita condições favoráveis de formação, que apresente resultados satisfatórios diante do desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo. É preciso possibilitar a formação de um indivíduo culturalmente e socialmente desenvolvido, pois “a psicologia da criança, ou pelo menos a da primeira infância, depende quase que exclusivamente da observação” (WALLON, 1986, p. 72).

As observações possibilitam um maior acompanhamento do desenvolvimento da criança, analisar o seu desempenho diante dos desafios e dos estímulos, levantando suas dificuldades e percebendo a passagem de um estágio para o outro, pois para Wallon (1995), “a passagem de um a outro estágio não é uma simples ampliação, mas uma reformulação. Com frequência, instala-se, nos momentos de passagem, uma crise que pode afetar visivelmente a conduta da criança” (WALLON apud GALVÃO, 1995, p. 41).

É preciso entender a perspectiva da afetividade e a teoria de desenvolvimento cognitivo, conforme Jean Piaget (1976), a fim de compreender a afetividade em sua forma mais ampla. Segundo Piaget (1976, p. 16), o afeto é essencial para o funcionamento da inteligência. (...) vida afetiva e vida cognitiva são indissociáveis, embora diferentes. E são inseparáveis porque toda troca de relações com o meio, admite organização e valorização. Portanto, não existe ternura sem um mínimo de compreensão, ou seja, não se pode raciocinar sem envolver um pouco de sentimentos. Conforme a citação acima é por meio do afeto que a criança se sente estimulada, motivada e interessada pela aprendizagem, para que promova questionamentos.

Tendo em vista a importância do afeto e cognição, cabe ressaltar também a necessidade da criança conviver com o outro, socializar-se. O indivíduo é fruto das trocas e interações com o meio em que convive, e “na medida em que as emoções constituem a forma diferenciada que é impressa ao fator afetivo, pelas atitudes específicas correspondentes a cada uma delas, são

elas que introduzem os motivos de consciência na conduta do indivíduo” (WALLON, 1986, p. 145).

Segundo a teoria de Wallon (2007), é através da afetividade que a consciência se transforma em sociabilidade. A emoção funciona como que um “elo” entre o indivíduo e o meio, em suas relações com o outro, com objetos, ela “[...] é uma antena entre o mundo interior e o desconhecido. Pela emoção com o qual vibrou, o indivíduo encontra-se virtualmente em sintonia com qualquer outro no qual se produzem as mesmas reações” (WALLON, 2007, p. 93).

Frente a estes estudos sobre afetividade, percebemos que é preciso oferecer às crianças da Educação Infantil um ambiente afetivo, que possibilite a interação entre as próprias crianças, entre criança e professora e entre criança e objeto, e que a partir dessa interação, das brincadeiras, das trocas de experiências, elas possam se desenvolver intelectualmente.

São por meio da ludicidade e do brincar que a criança se abre às novas experiências e às novas relações, inclusive as afetivas “a curiosidade pelo saber depende da autoestima e do autoconceito, melhor desenvolvidos em um clima favorável à afetividade” (PIMENTEL, 2007, p. 239).

A afetividade é a capacidade “do ser humano de ser afetado positiva ou negativamente, tanto por sensações internas como externas. É um dos conjuntos funcionais da pessoa e atua juntamente com a cognição e o ato motor, na construção do conhecimento” (SALLA, 2011, p. 108). Portanto, a afetividade é primordial para nossa permanência e aceitação no mundo, é por meio das relações sociais e afetivas que o ser humano sobrevive, passando a construir sua história e sua identidade, a partir das relações interpessoais.

A Relação Afetiva Entre Professor e Crianças

Se tratando da aprendizagem das crianças, o professor da Educação Infantil tem uma grande responsabilidade de ser o facilitador e mediador neste processo. Um bom professor se preocupa em estudar, ser leitor e formar leitores. Os estudos dos grandes teóricos da Educação Infantil são instrumentos essenciais para que os professores apliquem em sua prática pedagógica.

A criança da Educação Infantil espera que seu professor compreenda suas necessidades afetivas, seus desejos, seus medos, suas dificuldades de aprendizagem; espera também que seu

professor leia seu olhar, entenda suas expressões e principalmente seja afetuoso. A criança espera que seu professor dedique tempo para ouvi-la e considere suas angústias.

Além disso, o professor deve estar atento a todas as manifestações de seus alunos, observar e considerar os estados emocionais de seus alunos em sala de aula. Almeida (1999, p. 91) ressalta que “[...] é preciso que o professor esteja muito atento aos movimentos das crianças, pois estes podem ser indicadores de estados emocionais que devem ser levados em consideração o contexto de sala de aula”. Compete ao professor observar as crianças em sua totalidade, não apenas se preocupando com o ato de ensinar, mas também analisando suas emoções pedagogicamente, sabendo criar estratégias de intervenção. O afeto é uma ponte que faz com que a criança desenvolva suas capacidades de aprendizagem. O professor que usa a afetividade como uma ferramenta para garantir que a aprendizagem chegará ao aluno, entende que cada criança é singular, cada uma tem seu tempo e seu processo individual, e cada uma merece um olhar diferenciado do seu professor.

A teoria de Wallon afirma, “que os primeiros sistemas de reações que se organizam sob a influência do ambiente – as emoções – tendem somente a realizar uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e os que lhe estão próximos” (WALLON, 1986, p. 63).

Essa afirmação vem justificar que a ação das crianças em sala de aula, é reflexo daquilo que o meio social provoca nelas, sejam os contatos físicos, afagos, olhares de aprovação, uma relação de carinho entre elas e seu professor, e até mesmo uma palavra de afirmação, onde se constrói vínculos afetivos concretos e positivos.

Voltando-se para o âmbito educacional dos centros de educação infantil, em que geralmente, as crianças passam até 10 horas por dia, cabe ressaltar que “caso o educador instale uma sensação agradável, de acolhimento e receptividade, as crianças captam isso organicamente e reagem de maneira positiva” (SALLA, 2011, p. 98). A mediação pedagógica é além de tudo social, é a “base do desenvolvimento: ela é a característica de um ser que Wallon descreve como sendo “geneticamente social”, dependente dos outros seres para subsistir e se construir enquanto ser da mesma espécie” (DANTAS, 1992, p. 91).

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) consta que o ambiente escolar deve “estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua autoestima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social” (BRASIL, 1998, p. 63).

No entanto, deve-se pensar que nem sempre o meio é acolhedor como a criança gostaria, e já que o indivíduo depende da interação com o meio, se essas representações afetivas forem

negativas para as crianças, elas podem interiorizar isso, o que pode acarretar traumas e consequências negativas, bloqueando sua aprendizagem. Wallon (2007) aponta que “as representações afetivas ou sentimentos tendem igualmente a nelas se projetarem e esta exteriorização, sobretudo no ciúme e na simpatia, começa por misturar a criança ao meio social” (p. 23).

Isso acontece porque a afetividade é contagiosa, “sua natureza resulta expressamente de um traço que lhe é essencial: sua extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo. Elas implicam relações interindividuais; dependem de relações coletivas, o meio que lhes corresponde é o dos seres vivos” (WALLON, 1986, p. 145). Portanto, o resultado deste contágio pode ser devastador para o desenvolvimento da criança, caso em seu processo de interação com o meio, haja indiferença por parte do professor.

O professor deve observar e propiciar às crianças condições favoráveis de aprendizagem, pois “o ambiente escolar depende de como o professor, o meio e os colegas afetam a criança, seu aprendizado pode ser desenvolvido ou inibido, e a emoção transparecida por ela evidencia isso” (SALLA, 2011, p. 98). A ausência de conhecimento e estudo dos profissionais educadores que atuam na educação infantil faz com que a prática deste profissional seja vazia, incoerente e insatisfatória, o que gera uma educação pautada apenas no senso comum, sem aprofundamento teórico que sustente suas práticas, desencadeando consequências negativas para o desenvolvimento físico, psíquico e afetivo das crianças.

Procedimentos Metodológicos da Pesquisa

A pesquisa foi de abordagem qualitativa. Os passos adotados de acordo com a pesquisa qualitativa foram: definição do problema, elaboração do referencial teórico, coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, análise dos dados por meio da interpretação das respostas dos sujeitos de pesquisa e, finalmente, a escrita do artigo científico.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. O problema da nossa pesquisa é: como estão sendo construídas as relações afetivas entre crianças e professoras na educação infantil e como essas relações refletem na prática docente desenvolvida no processo de aprendizagem das crianças? Nesta pesquisa de campo, utilizamos como instrumentos para coleta de dados a observação das salas de aula de um Centro de Educação Infantil – CEINF público, na cidade de Campo Grande – MS, pois “a observação feita por professores e demais adultos é a chave

para entender como o meio está afetando o desenvolvimento dos pequenos” (SALLA, 2011, p. 98) e entrevistas semiestruturadas com três professoras, as quais nomearemos professora 1, 2 e 3, para manter o sigilo. Durante nossas observações no lócus da pesquisa percebemos como as relações afetivas influenciam no processo de ensino-aprendizagem e como a ausência de vínculo afetivo entre professora e crianças pode comprometer o desenvolvimento das mesmas.

A opção pela entrevista semiestruturada justifica-se pelo fato de que para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está focada em um assunto sobre o qual elaboramos um roteiro de perguntas principais, que podem ser complementadas por outras questões pertinentes e relacionadas o contexto da entrevista. A sistematização do roteiro de entrevista foi construída tendo em vista os estudos inicialmente elaborados a partir do que foi mencionado na pesquisa bibliográfica e documental, bem como os objetivos propostos para a investigação. Articulado ao campo empírico, os estudos bibliográficos foram de fundamental importância para a construção do nosso artigo científico durante e ao final do percurso de pesquisa.

O Lócus da Pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma instituição pública municipal de Educação Infantil da cidade de Campo Grande -MS, a qual nomearemos de instituição “A”, que atende crianças de 0 a 4 anos, funcionando de segunda a sexta – feira das 06:30 h às 17:00h.

A instituição “A” atende em média 100 crianças de classe média baixa, com turmas do berçário (0 a 2 anos), creche I (2 a 3 anos) e creche II (3 a 4 anos), a pesquisa foi realizada com duas turmas de creche II, que denominaremos creche II “A” e creche II “B”, com crianças de 3 a 4 anos de idade, em cada turma há 20 crianças matriculadas. Nesta instituição “A” foram escolhidas duas turmas da mesma idade (creche II), a fim de fazer uma análise comparativa das relações afetivas entre as educadoras e as crianças.

Na turma de creche II “A” são atendidas 20 crianças, uma professora que permanece com as crianças durante 4 horas diárias e duas assistentes de sala (cursando pedagogia), que permanecem com elas aproximadamente 8 horas diárias. Na turma de creche II “B” são atendidas 20 crianças, uma professora que permanece com as crianças durante 4 horas diárias e duas assistentes de sala (cursando pedagogia), que permanecem com elas aproximadamente 8 horas diárias.

Sujeitos da Pesquisa

Nossos sujeitos da pesquisa foram duas professoras que atuam na instituição “A” as quais tiveram suas turmas observadas, sendo identificadas como professora “1” e “2”.

Durante a pesquisa surgiu o interesse de que as crianças fossem sujeitas colaboradoras. Ainda que não tenhamos entrevistado as crianças, elas contribuíram para nossa coleta de dados, pois foi possível observar seus sentimentos, suas manifestações e relações afetivas tanto com as professoras e assistentes, como também umas com as outras no ambiente em que estão inseridas. A partir do material empírico sistematizado e agrupado conforme as respostas dos entrevistados, com a elaboração do enquadramento teórico à luz de Henri Wallon (1986, 2007, 2008), Dantas (1992), Pimentel (2007), Salla (2011) e Luz (2008), os resultados e discussões serão apresentados em seção específica dessa pesquisa.

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

Escolhemos para responder a entrevista duas professoras de Creche II “A” e “B”, a fim de comparar se a relação observada que elas mantêm com as crianças, possui coerência com as respostas dadas por elas.

Quadro 1 - Resultados da entrevista com professoras das turmas de creche II.

Quando perguntada:	Professora 1, Creche II “A” (Pós graduada)	Professora 2, Creche II “B” (Pós graduada)
O que a senhora entende por afetividade?	“Ah!” o afeto é tudo, é algo que a gente procura sempre cultivar com as crianças, pois elas precisam disso.	Afeto é tudo o que envolve amor e zelo pelo que se faz, as crianças precisam disso para seu desenvolvimento
A afetividade tem importância na relação social e na construção da identidade da criança? Por quê?	Sim. As crianças precisam de atenção para se desenvolver.	Sim. Em qualquer área da vida a afetividade é um fator muito importante.
De que forma a senhora se relaciona afetivamente com as crianças da instituição?	Por meio de conversas, colo, carinhos, atenção, respeito e amizade.	Conversando, brincando, deixando-os seguros, para que possamos trocar nossas experiências.
A senhora tem conhecimento das estratégias que podem estimular a afetividade das crianças? Quais?	Sim. Procuo proporcionar a elas momentos significativos, que chamem a atenção delas. Vídeos, brincadeiras, histórias.	Sim. Eu procuro acolher as crianças com carinho e amor, pois isso faz com que elas se sintam seguras e confiantes em qualquer momento.
A relação afetiva entre professora e crianças influencia na aprendizagem das crianças?	Sim. Pode influenciar de forma positiva ou negativa, vai depender da prática da professora.	Com certeza, a afetividade gera confiança e equilíbrio.

Fonte: ENTREVISTAS. Professora 1 e 2. Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em outubro de 2018. Adaptado pelas autoras, 2018.

Relatos das Experiências Vivenciadas no Percorso da Pesquisa

Os dados coletados pela pesquisa, um total de duas entrevistas, consideram a afetividade importante para o desenvolvimento das crianças, sendo assim, faz-se necessário que os profissionais que atuam na Educação Infantil estejam em constante reflexão sobre suas práticas pedagógicas, pensando na importância da construção de vínculos afetivos entre professora e crianças. Segundo Wallon (2007) a afetividade nutre a cognição, e vice-versa, portanto, são indissociáveis. “A emoção desempenha um papel essencial da gênese do psiquismo, tornando possível a junção entre duas etapas: a automática e a intencional” (WALLON, 2007, p. 16). Portanto, conhecer a criança com que se trabalha é essencial no processo de desenvolvimento, possibilitando momentos significativos de aprendizagem.

O roteiro da entrevista foi elaborado no sentido de questionar as professoras sobre suas concepções em relação à afetividade e sua importância na construção da identidade da criança, a presença de estratégias que fortaleçam a construção do afeto na sala de aula e como isso reflete

na aprendizagem da criança. Sendo assim, buscamos conhecer o que pensam e sabem algumas professoras de educação infantil da Rede Municipal de Ensino Campo Grande-MS sobre a importância da afetividade no trabalho com crianças pequenas.

Das professoras entrevistadas, ambas comentaram sobre o amor e zelo pela profissão, ressaltando a importância da dedicação ao desenvolvimento integral das crianças. Quanto à formação das professoras, uma delas possui magistério e está cursando Pedagogia, a outra possui licenciatura em Pedagogia.

Em relação às suas concepções sobre afetividade e a importância da mesma na construção da identidade da criança, nota-se que o conhecimento que se possui de afetividade ainda está baseado no senso comum, de maneira um tanto quanto superficial, as professoras ainda não compreendem a afetividade como uma forma mais complexa de expressão, incluindo as emoções, os sentimentos e as paixões, por meio de manifestações de nível tanto orgânico quanto social. Conforme Mahoney e Almeida (2007, p. 17), “a afetividade refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo e interno por meio de sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis”.

Quando perguntadas sobre como se relacionar afetivamente com as crianças, as duas entrevistadas mencionaram o “dar o colo”, ter contato físico, relacionaram a afetividade com confiança, respeito recíproco, vínculo, amizade, amor e a troca de experiências. A natureza humana “resulta expressamente de um traço que lhe é essencial: sua extrema contagiosidade de indivíduo a indivíduo. Elas implicam relações interindividuais; dependem de relações coletivas; o meio que lhes corresponde é o dos seres” (WALLON, 1986, p. 145).

Instituição “A”

A partir das observações realizadas, destacaremos alguns aspectos que consideramos relevantes. Foram escolhidas duas turmas de creche II, que aparentemente se comportam de maneira bem distintas, abordaremos a seguir as características das turmas. A turma “A” é carinhosa, as crianças não fazem fila e andam perto da professora. No refeitório a professora conversa e interage com as crianças enquanto elas comem, estimula-as a comer e não fazer sujeira na mesa, as crianças vão ao banheiro para escovarem os dentes sozinhas, é uma turma acolhedora e receptível.

Na turma “B” observamos que as crianças têm mais dificuldade em obedecer aos direcionamentos da professora. Nas refeições, as crianças saem da mesa correndo em direção à

porta da saída do pátio, sendo preciso que a professora e as assistentes de sala chamem a atenção das crianças. No momento da escovação, as assistentes de sala acompanham as crianças porque elas não voltam para a sala quando terminam, o que muitas vezes gera alguma briga ou mordida entre os colegas, no banheiro. Percebemos a dificuldade das crianças entrarem na rotina.

Partindo destas observações, nos surgiu um questionamento: Será que essa diferença de comportamento é ‘reflexo’ da forma como são tratadas pelas educadoras? Tivemos a oportunidade de conviver um pouco com as crianças, e algumas delas compartilharam conosco que gostavam de brincar de boneca e bolsinha. Em outro momento, perguntamos à professora “1” se as crianças tinham poucas variedades de brinquedos e ela nos respondeu que fazem o uso de jogos e tem um cesto de brinquedos preferidos pelas crianças.

Cada um tem o seu preferido, após as atividades planejadas, reservo sempre um tempo para as crianças escolherem o que querem fazer. Gosto muito de olhar para as crianças e ver que elas estão felizes, brincando, e sei que muitas vezes as atividades pedagógicas que elaboramos são consideradas “chatas” para elas (PROFESSORA 1, 2018)

Foi possível perceber uma diferença de comportamento e afeto das crianças com as educadoras das turmas “A” e “B”. A professora 1 da turma “A” estava mais preocupada em realizar um trabalho que fosse significativo para as crianças do que para o currículo. Em outro momento, estivemos com as crianças e a professora dentro de sala. Ela não grita, fala com as crianças sempre num tom de voz baixo e firme, coloca-as no colo ou se abaixa para falar com as crianças, olha nos olhos, de alguma forma ela sempre mantém contato físico com as crianças. Esta professora se coloca à disposição das crianças, pois integra afetividade e conhecimento. “Wallon ao estudar a criança não coloca a inteligência como principal componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões – motora, afetiva e cognitiva-, que coexistem e atuam de forma integrada” (SALLA, 2011, p. 108).

Num outro momento de observação na sala de aula presenciamos a situação de uma briga/ disputa por brinquedos entre duas crianças, onde uma delas agrediu o colega com um tapa na cabeça. A professora interferiu, conversou com a criança que agrediu, afirmando que não é necessário bater no colega quando se quer algum brinquedo, que quando desejar um brinquedo tem que pedir e aguardar o colega emprestar. E orientou que a criança pedisse desculpas e cuidasse do colega que estava chorando.

Para Wallon (2007), o sujeito é dependente do outro para se formar enquanto ser humano, e esta professora dá exemplo de si mesma para que as crianças se espelhem nela, “Wallon descreve como sendo “geneticamente social”, radicalmente dependente dos outros

seres para substituir e se construir enquanto ser da mesma espécie” (DANTAS, 1992, p. 92), a professora procura ser extremamente correta e transmite muita tranquilidade para resolver os problemas, isto reflete diretamente na aprendizagem da criança e na construção do seu eu social. As assistentes de sala que ficam com as crianças juntamente com a professora, também são bastante carinhosas e atenciosas com elas.

Já na turma de creche II “B”, foi possível perceber o desconforto das crianças diante das assistentes de sala e da professora de sua turma, elas se sentem mais acolhidas pela professora de outra turma que fica com elas no momento do sono, e as acolhe com carinho e atenção. No refeitório, não percebemos nenhuma manifestação de afeto da professora e das assistentes para com as crianças da turma “B”, sempre que as crianças as solicitam, elas respondem de maneira ríspida. Quando há conflitos entre as crianças, a professora grita para que elas mudem de atitude, estabelecendo a todo o momento, regras rígidas, porém essa maneira de intervenção não colabora para a mudança de atitude das crianças. Seria esse o motivo de as crianças estarem sempre a fingir que não escutam?

No ambiente escolar, “depende de como o professor, o meio e os colegas afetam a criança, seu aprendizado pode ser desenvolvido ou inibido, e a emoção transparecida por ela evidencia isso” (SALLA, 2011, p. 98).

Observamos que a professora e as assistentes da turma de creche II “A” valorizam os sentimentos das crianças e se preocupam em proporcionar atividades e momentos que geram satisfação às crianças, as falas da professora são coerentes com as observações, pois mostraram uma relação afetiva saudável entre elas e as crianças. Nesta turma as crianças são mais autônomas e tranquilas.

Desse modo, concordamos com Salla (2011), quando afirma que “caso o educador instale uma sensação agradável, de acolhimento e receptividade, as crianças captam isso organicamente e reagem de maneira positiva” (SALLA, 2011, p. 98).

A professora da turma de creche II “B” tem um discurso contraditório, suas respostas da entrevista não condizem com a prática que acompanhamos nas observações, ela se preocupa apenas com os cuidados básicos das crianças, como higiene e segurança. Em momento algum percebemos uma relação afetiva dela com as crianças, e sua prática não permite uma abertura para que as crianças tenham uma aproximação afetiva com ela.

Nesta turma não há conversas, brincadeiras que agradem as crianças, momentos de interação e prazer, seja entre elas com outros ou com brinquedos, contradizendo totalmente o papel do professor que para (SILVA, 1998) deve se portar como:

Um parceiro mais experiente e fundamental nessa primeira fase de reconhecimento e exploração do ambiente pelo qual a criança passa. Deve contribuir para que elas se deem da melhor forma possível, sugerindo trocas ou empréstimos no caso da disputa pelos brinquedos, incentivando a criança a enfrentar desafios e assim por diante. (SILVA, 1998, p. 41).

Nem sempre a teoria se articula com a prática, saber o que é necessário nem sempre é fazer o correto. Seria falta de formação ou informação? A verdade é que neste intermédio existem crianças a espera de pessoas comprometidas com seu desenvolvimento, que perpassa pelo afetivo, pois “o vínculo afetivo supre a insuficiência da inteligência no início. Quando ainda não é possível a ação cooperativa que vem da articulação de pontos de vista bem diferenciados, o contágio afetivo cria os elos necessários à ação coletiva” (DANTAS, 1992, p. 97).

Infelizmente ainda existem pessoas que acreditam que na Educação Infantil é preciso apenas o cuidado com as crianças, porém, nos dias atuais o cuidar é indissociável do educar, assim como a afetividade é indissociável do desenvolvimento cognitivo, psicomotor, afetivo e social.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a relação da afetividade com o desenvolvimento da criança na Educação Infantil. Ao observarmos duas turmas de creche de uma instituição pública da Rede Municipal de Campo Grande – MS pode-se observar as relações afetivas entre professoras e crianças confirmando que o afeto é essencial no desenvolvimento das crianças, o que as tornam alegres, vivendo com prazer sua infância e crescendo saudáveis afetivamente.

As crianças que recebem mais carinho e atenção escutam e obedecem à professora. Há um respeito mútuo entre elas, o que promove uma maior maturação das funções psíquicas, pelo prazer que elas têm em estar no convívio das professoras. Podemos considerar que a relação afetiva entre professora e as crianças interfere no processo de aprendizagem quando a professora proporciona momentos de interação significativos para as crianças, alimentado afetivamente por meio de gestos de carinho, contato físico e atenção.

Percebemos a importância de que haja uma troca de afetividade entre as próprias crianças e delas com as professoras para se estabelecer uma relação de confiança, compreensão e segurança. Salientamos que as crianças atendidas no CEINF permanecem na instituição por cerca de 40 horas semanais, e quando bebês chegam a um ambiente estranho e precisam

estabelecer um elo afetivo com aquelas pessoas que os recebem cotidianamente. Desvincular do seu elo materno criado desde o nascimento, gera sentimentos de desconforto, desestabilizam seus níveis de aprendizagem, por meio de novos relacionamentos amadurecem para um nível mais complexo de aprendizagem. Sendo assim, é compreensível o choro das crianças que precisam de alguma forma expressar seu desconforto afetivo, a criança fica longe da mãe e é colocada pela primeira vez em um ambiente totalmente adverso do seu cotidiano que são as instituições de Educação Infantil.

Devemos ter mais atenção para a afetividade das crianças desde o berçário, pois são nas instituições que as crianças se tornam sujeitos afetivamente desenvolvidos. Como a criança receberá estímulos para se desenvolver e aprender, se o ambiente em que ela está inserida não gera compreensão com suas necessidades cognitivas e afetivas? Por isso, devemos considerar a afetividade como aspecto de suma importância para o desenvolvimento do sujeito, a afetividade é o nutriente para o desenvolvimento cognitivo, pressupondo que a atenção ao tema deve ser levada ao conhecimento das professoras de educação infantil.

Considerando esta relação afetiva, a criança pode ou não se abrir aos novos conhecimentos, que a professora como mediadora proporciona para seu crescimento afetivamente saudável. Portanto, a professora de educação infantil deve ter clareza da importância da afetividade no desenvolvimento da criança, proporcionar momentos agradáveis de interações positivas entre criança e criança e professora-criança, para assim obter resultados satisfatórios que ajudam no crescimento não só afetivo, mas cognitiva da criança.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** – Lei nº. 9394/96. Brasília: 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03leis/L9394.htm. Acesso em: 10 out. 2018.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental.

DANTAS, H.; TAILLE, Y. La; OLIVEIRA, M. K. **Wallon, Piaget, Vygotsky: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti; VITORIA, Telma; GOULARDIS, Liliâne Gonçalves. In: FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti, MELLO, Ana Maria; VITORIA, Telma; GOUSEN, Adriano; CHAGURI, Ana Cecília (orgs.). **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**/Izabel Galvão. – Petrópolis, RJ; Vozes, 1995. – (Educação e conhecimento).

PIMENTEL, Alessandra. Vygotsky: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil. In: FORMOZINHO-OLIVEIRA, Júlia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Apezzato (orgs). **Pedagogia(s) da infância – Diálogo com o Passado Construindo o Futuro**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SALLA, Fernanda. O que o corpo fala. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Moderna, ano XXVI, nº 247, p.96 – 98, nov. 2011.

SALLA, Fernanda. O que afeta a criança. **Revista Nova Escola**, São Paulo: Moderna, ano XXVI, nº 247, p. 108– 110, out. 2011.

SILVA, Alma Helena A.; Costa, Eliane F. O adulto um parceiro especial. In: FERREIRA, Maria Clotilde Rossetti, MELLO, Ana Maria, VITORIA, Telma, GOUSEN, Adriano, CHAGURI, Ana Cecília (orgs.). **Os fazeres na Educação Infantil**. São Paulo: Cortez Editora, 1998.

PIAGET, Jean. **A construção do real na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

WALLON, Henri. **Henri Wallon: psicologia**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **A criança turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental / Henri Wallon; tradução de Gentil Avelino Tilton**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. - (Coleção Textos Fundantes de Educação).

_____. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada / Henri Wallon; tradução de Gentil Avelino Tilton**. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. - (Coleção Textos Fundantes de Educação).

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MAHONEY, A. A.; ALMEIDA, L. (org.) **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Entrevistas

ENTREVISTA. Professora **1**. Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 04 de outubro de 2018.

ENTREVISTA. Professora **2**. Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande - MS. Entrevista realizada em 04 de outubro de 2018.

*Recebido em 10 de maio de 2019.
Aceito em 23 de junho de 2019.*